

J. Herculano Pires

Evolução Espiritual do Homem

Na perspectiva da Doutrina Espírita



Conteúdo resumido

Herculano Pires demonstra, neste livro, como a Doutrina Espírita entende a evolução espiritual do homem, analisando: o ser na existência; tentativa de fuga para o espaço sideral; importância das manifestações mediúnicas; pureza e impureza e outros aspectos.

Faz um estudo da evolução espiritual do ser humano, desde a antigüidade, passando pelo Cristianismo primitivo até os tempos modernos, com o advento da Doutrina Espírita.

Por fim, Herculano dirige um alerta aos adeptos da doutrina sobre o comportamento moral dos espíritas, diante da grande responsabilidade destes em relação às atividades nos centros espíritas e à divulgação do Espiritismo.

Sobre o autor

José Herculano Pires foi o que podemos chamar homem múltiplo. Em todas as áreas do conhecimento em que desenvolveu atividades – dentro e fora do movimento doutrinário – sua inteligência superior iluminada pela doutrina espírita e pela cultura humanística brilhava com grande magnitude, fazendo o povo crescer espiritualmente. Herculano Pires foi mestre em Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara e membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que presidiu por longos anos. Diretor da União Brasileira de Escritores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. Presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia (...). E, o que é mais importante: espírita desde os vinte e dois anos de idade, ninguém no Brasil e no estrangeiro mergulhou tão fundo nas águas cristalinas da Codificação Kardeciana e ninguém defendeu mais e com mais competência do que ele a pureza doutrinária (...)

(Do livro
J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec,
de Jorge Rizzini)

Sumário

O homem no mundo como ser na existência.....	5
As tentativas de fuga para o espaço sideral.....	9
Pureza e impureza, na concepção espiritual da vida	13
O Panpsiquismo e a unidade espiritual do homem.....	16
A fase intermediária da moralidade subjetiva	19
Importância das manifestações mediúnicas.....	23

O homem no mundo como ser na existência

A Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin, foi rejeitada pela Igreja e pela maioria das escolas espiritualistas como absurda e humilhante para a Humanidade. Evidentemente chocante era, para a criatura humana, que pudéssemos descender das formas hominóides do reino animal. Feriu a suscetibilidade do homem, milenarmente cultivada no estudo das culturas religiosas, que nos apresentavam como criação à parte no Universo, a única dotada de capacidade de abstração e capacidade de discernimento suficiente, para reconhecer a sua superioridade ante todos os demais seres. A idéia bíblica e de outras escrituras sagradas, segundo a qual fomos criados por Deus à sua imagem e semelhança, conferia-nos uma posição privilegiada, muito grata do nosso orgulho, e não nos permitia aceitar a proposição atrevida e insolente de Darwin, que profanava a nossa natureza divina. Nem mesmo aceitamos a teoria conciliatória de Roussell Wallace, êmulo de Darwin, que admitia o elemento espiritual no processo evolucionista.

O próprio mestre francês da Universidade de França, Professor Denizard Rivail, de tradicional família lionesa, ao publicar *O Livro dos Espíritos*, em que compendiava a Doutrina Espírita, sob o pseudônimo de Allan Kardec – ocultando os nomes das médiuns que atuaram nas suas pesquisas –, evitou aprofundar a questão e definir claramente a sua posição no assunto, preservando as médiuns, as meninas Boudin, e evitando empecilhos maiores para a divulgação da Nova Doutrina. Só no quinto e último volume da Codificação do Espiritismo, seu livro *A Gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, tornou clara e precisa a sua posição evolucionista quanto ao problema da evolução das espécies.

Na verdade, ele já havia antecipado a sua posição em várias passagens dos quatro livros anteriores e livros acessórios. Mas a declaração chocante de que o ser animal não se humanizava sem haver passado pela feira devidamente fatal dos seres inferiores,

constante de uma comunicação de Galileu pela mediunidade do astrônomo Camille Flammarion, só então foi incluída na Codificação. Isso revela, ao mesmo tempo, o cuidado cartesiano de Kardec e as dificuldades com que ele teve de lutar para sustentar a batalha espírita na cultura europeia do século XIX. Como Descartes, seu predecessor na visão dos novos tempos, Kardec inscreveu, não no seu brasão, que não tinha, mas na sua mente, a palavra *Cristo*. Apesar disso, o Bispo de Barcelona ateou uma fogueira em praça pública para incinerar os seus livros, pois o homem não estava ao seu alcance e na França a Inquisição já não mais existia.

O religiosismo popular, na França como em toda parte, foi abalado pela resistência e a insistência de Kardec, absorvendo os seus princípios básicos. Foi então que ele se entregou à elaboração secreta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, proporcionando ao povo os esclarecimentos espíritas. Nesse livro ele amparava e estimulava a religião do povo, mas sustentando essa religiosidade em termos racionais. Apoiava-se então no princípio doutrinário da lei de adoração – lei universal que só ele descobriu e explicou –, reativando a religião nos corações abalados. Ainda hoje há espíritas, não raro ocupando posições de direção em instituições doutrinárias, que não compreendem a necessidade e o valor desse livro orientador da intuição religiosa popular. Não compreendem que o aspecto religioso do Espiritismo constitui a base inabalável do movimento espírita no mundo. Outros chegam a criticar Kardec por essa capitulação e outros, mais ingênuos, chegam ao cúmulo de alegar que essa tarefa cabia a Roustaing, o infeliz fascinado de Bordeaux, que lançou a obra de evidente mistificação *Os Quatro Evangelhos*, em que os evangelistas se contradizem a si mesmos e tentam forçar um retrocesso católico do religiosismo popular. A tese espúria, levantada pela Federação Espírita Brasileira, de que Roustaing estava incumbido do problema da fé é simplesmente alucinante. O pobre fascinado não foi discípulo de Kardec, jamais militou ao seu lado e teve sua obra rejeitada pelo mestre. A fé de Roustaing não podia entrosar-se na obra de Kardec, pois era a fé católica medieval, enquanto a fé espírita, definida por Kardec como fé racional, não

precisava de nenhum assessor místico e fanático para se implantar na consciência dos novos tempos.

O Espiritismo rejeita toda mitologia de ontem, de hoje e de amanhã. Sua função é de transformar os erros em verdades, como se lê em Kardec, e não em remendar as mitologias antigas com novos e ridículos mitos, como Roustaing tentou fazer em sua obra mistificadora, em que a obra kardeciana é deformada por um trabalho de plágio vergonhoso e de remendos adulteradores que denunciam a debilidade mental do autor. Por sinal que este mesmo declara, na introdução de sua obra, que a obteve mediunicamente (por uma médium, que foi a primeira a rejeitar a mistificação) após haver saído de um internamento em hospital de doentes mentais.

Feito esse preâmbulo necessário, convém lembrar que a religiosidade popular nada tem a ver com as religiões dos teólogos e, portanto, das igrejas. A religião pura e natural do povo nasce da lei de adoração e não das sacristias. É um impulso instintivo do homem, que busca Deus na natureza. Expusemos esse processo, como base em pesquisas antropológicas, em nosso livro *O Espírito e o Tempo*. O Espiritismo reconhece a legitimidade desse processo, a naturalidade desse impulso. A lei de adoração é hoje plenamente reconhecida pelas Filosofias da Existência, com a designação de impulso de transcendência. Esse impulso é disciplinado pela razão, na medida do desenvolvimento cultural da humanidade.

O conceito de Deus se aprimora e refina na mente humana, acompanhando o desenvolvimento da Civilização. O refinamento intelectual gera ilações atrevidas que o homem vaidoso e entusiasmado com o seu progresso transforma em afirmações definitivas, desencadeando o processo das dogmáticas asfixiantes e intocáveis, porque sagradas. As revelações sutis de entidades espirituais, que o homem capta como percepções extrasensoriais, acabam cercadas de aparatos materiais imaginários, que reforçam os dogmatismos exclusivistas. Os fatos da selva, pragmáticos e funcionais, provindos dos ritos necessários da vida animal, complicam-se com os adendos da imaginação e a vontade de potência, o anseio de poder dos homens e das organizações

religiosas naturalmente absorventes. Instaure-se o poder como conquista humana e desencadeiam-se ações repressivas dos possíveis cismas e gerados por opiniões contrárias. Acendem-se as fogueiras inquisitórias e borbulham em sangue os massacres das dissidências audaciosas e as Noites de São Bartolomeu.

Todo esse processo, contraditório em si mesmo, revela a condição espiritual do homem no mundo. Desde o instante em que o ser espiritual se lança na realidade material, a sua estrutura ôntica, a estrutura espiritual do ser, inverteu todo o seu sistema direcional e seus vetores psíquicos se voltaram para os alvos terrenos. Não se trata de uma queda, mas de uma experiência necessária, em que dominam as forças materiais e prevalecem os instintos animais; o ser está submetido ao desafio do *não-ser*. Esta expressão filosoficamente tão discutida não se refere a uma possível entidade mitológica (como a do Anti-Cristo, por exemplo), mas a uma realidade inversa à que corresponde a natureza do ser.

Ninguém explicou melhor essa inversão do que Frederic Myers em sua teoria das duas mentes, a *subliminar* e a *supraliminar*. O ser como ser fica soterrado em si mesmo, guardando suas conquistas da filogênese evolutiva no inconsciente, e o homem se define na mente consciente, nivelado no plano dos interesses terrenos imediatistas. A Religião do Homem, para usarmos essa expressão de Tagore, define-se então como um sistema prático, ou seja, integrado na práxis de cada conquista do mundo. Historicamente essa visão é decepcionante. Tem-se a impressão de que a evolução humana faliu, voltando ao seu marco zero.

Os poderes religiosos nada têm de divino, são exclusivamente humanos. A recente tragédia do Iran, deflagrada friamente pelo Aiatolá Comeine, num retrocesso brusco e violento à época das Civilizações Teológicas, com toda a brutalidade dos processos inquisitoriais, mostra-nos o poder de reversão dos vetores ou cargas de força da gravidade terrena. Comeine é o Grão Sacerdote da Era Teocrática, de Israel, da Mesopotâmia e do Egito ou da antiga Catai, a China Arcaica, das religiões do homem, ansiosas pela dominação material do mundo. Apoiado no *Corão*, esse

Evangelho às avessas, ele ressurgiu na abertura dos despotismos desencadeados pelas conflagrações mundiais do século, numa tentativa perigosa de repetir as audácias islâmicas do passado.

A atitude agressiva da China invadindo o Vietnã de maneira brutal, depois de prudente reatamento de relações com os Estados Unidos, mostra que os telúricos do mandarinato não estavam extintos, mas apenas ressonando em seus esconderijos subterrâneos. Por outro lado, a reação russa de apoio ao Vietnã corresponde às exigências do determinismo histórico do restabelecimento do Império de Tamerlão. É evidente que esses fatos atuais se revestem de aparências como se fossem determinados apenas por circunstâncias do nosso tempo. Mas são as molas secretas dessa situação, como no caso dos totalitarismos europeus que romperam o falso equilíbrio do século com as explosões da barbárie germânica do passado.

Temos, assim, a demonstração flagrante, no panorama atual do mundo, da sobrevivência do passado histórico na conjuntura contemporânea. O princípio espírita do encadeamento de todos os fatos e todas as coisas no sistema universal nos permite ver, por trás da roupagem moderna dos conflitos atuais, a continuidade inevitável da lei de ação e reação. A lei grega da palingenesia determinava a repetição contínua dos ciclos históricos em todas as suas minúcias. Nos períodos de destruição as civilizações desapareciam, mas nos períodos de reconstrução tudo se repetia, minuciosamente: *renovavam-se as figuras do passado em suas posições antigas, as cidades renasciam das cinzas com todos os seus atributos, as situações arcaicas se restabeleciam, as aldeias ressurgiam em seus antigos lugares e até mesmo as estradas e os trilhos dos campos eram restabelecidos*. É evidente o exagero absurdo dessa concepção, mas não menos evidente a intuição das repetições históricas, necessárias ao encadeamento dos tempos no processo evolutivo. A repetição não é nem poderia ser escrita, pois com isso se anulava a sua finalidade evolutiva.

Levada por Pitágoras, do Egito à Grécia, a lei da palingenesia adaptou-se a várias concepções das diversas escolas filosóficas. Hoje o astrônomo J. Opiki sustenta a teoria do Universo Oscilante, baseada nas observações dos movimentos das galáxias. De

milhões em milhões de anos o Universo se expande no infinito e depois retorna sobre si mesmo, num ritmo de sístoles e diástoles. Nesse abrir e fechar o universo se destrói e se recompõe, marcando o ritmo assombroso das transformações evolutivas. A repetição histórica é apenas um detalhe desse eterno retorno no qual se abre, humílima e fragmentária, a teoria espírita da reencarnação, hoje submetida a pesquisas científicas nos grandes centros universitários do mundo, desde os trabalhos do prof. Wladimir Raikov, na Universidade de Moscou, aos de Ian Stevenson, na Universidade da Califórnia e aos de Hamendras Nat Barnejee, na Universidade de Rajastã, na Índia. O problema pitagórico, egípcio e grego retorna às cogitações filosóficas e às pesquisas científicas na nossa civilização.

O processo evolutivo adquire assim dimensões cósmicas, segundo a proposição espírita: *Tudo se encadeia no universo*. Vemos assim que a evolução espiritual do homem não é um caso específico de transformação individual, de santificação canônica ou de *reforma íntima* de modelagem católica. O homem evolui espiritualmente na medida em que, amalgamado na experiência cósmica, é levado por essa experiência incontrolável por curas e pastores. Por isso Jesus não ensinou nem aprovou as formalidades do templo de Jerusalém, nem submeteu os seus discípulos às exigências pretensiosas do rabinato judeu. Sua lição a respeito se resume na advertência: *O que se apega à sua vida, perdê-la-á, mas o que a perder por amor de mim, esse a encontrará*. Quem vive debruçado sobre si mesmo, cuidando apenas do seu umbigo, não pode perceber e muito menos compreender a grandeza espiritual que é a sua imperecível herança de filho de Deus.

Essa a razão porque o Espiritismo rejeita a alienação do homem no culto externo, em que os mitos supostamente sagrados servem apenas aos espíritos em fase primária de evolução. A lei de adoração não nos obriga a adorar mitos de qualquer espécie. É uma lei natural que leva o homem a adorar a Deus em espírito e verdade. O impulso de transcendência que marca a natureza humana não comporta aparatos de cultos, nem sacramentos inventados pelas igrejas para o comércio da simonia. Os vendedores do templo, condenados pelo Messias, encontraram mil

maneiras de continuar na venda de suas ovelhas inocentes. Substituíram os animais sacrificiais por palavras, gestos e cerimônias, evitando complicações fiscais. Transformaram-se em mascates de palavrórios eletrônicos, vendendo palavras vazias como faziam em seu tempo os sofistas gregos que Sócrates desmascarou. Isso mostra que o espiritual caiu num ciclo vicioso, exibindo o refluir do passado na geena de fogo do Vale do Kidron, do lixo acumulado na Porta do Monturo. Estamos queimando os resíduos que impedem o fluxo natural da evolução. Nossa atualidade trágica brota ameaçadora da fermentação do lixo histórico às portas de Jerusalém. Não é Deus quem nos castiga, mas nós mesmos que nos asfixiamos em nossa incapacidade de compreender, amar e perdoar. Apegados aos interesses terrenos, não conseguimos ainda abrir os olhos, doentes de ganância e violência, para a realidade de nossos próprios impulsos de transcendência.

As tentativas de fuga para o espaço sideral

A inversão dos vetores ônticos, portanto psíquicos, realizada no momento da encarnação, no de precipitação do ser na existência, segundo a Teoria das Filosofias da Existência, forma típica do pensamento contemporâneo, ao invés de avançar na direção do alvo natural da morte, para superá-la, desviou-se para vícios da rotina. O Ser feito homem, imantado ao magnetismo das sensações carnis (portanto animais), perdeu-se a si mesmo na atração de fatores humanos, contraditórios entre si e contrários aos objetivos existenciais. Verificando esse fato com sua aguda percepção dos processos materiais, Sartre cria a teoria da frustração do homem – essa paixão inútil – na morte. Então os existencialistas espiritualizados, como o próprio Kierkegaard, Cassirer, Jaspers, Heidegger, Garrilr Marcel (católico) se opuseram à teoria da frustração do homem na morte, antes de Sartre fazer sucesso, demonstrando a preponderância da gravidade terrena na mentalidade do nosso tempo. Evidenciava-se o teor materialista do homem atual, que prefere a sua frustração na morte, a sua nadificação, segundo a linguagem sartreana, à continuidade da vida após a morte. De nada se precisaria para diagnosticar o fracasso do *pro-jeto* humano lançado na existência; e, como consequência, a necessidade de prosseguimento das dolorosas experiências do passado.

Nesse episódio filosófico evidenciava-se a condenação do mundo contemporâneo à repetição dos descabros do passado. E isso não como castigo divino, mas como inevitável reparação das falhas do processo evolutivo, na pauta da lei de ação e reação. Nossa humanidade se condenava, por sua leviandade inconsequente, a repetir o curso doloroso das experiências inúteis. O livre-arbítrio do homem, que o levava a preferir o caminho mais longo e doloroso, dera o seu próprio veredicto no tribunal de sua própria consciência. Os monstros não domados no passado voltam a assediá-los, repontando ferozes no trágico panorama da atual realidade. As leis se cumprem na mecânica inexorável

da estrutura vital e contínua da história, mestra dos homens, como queria Cícero.

As duas conflagrações mundiais, de 1914 e 1939, trouxeram à tona, na atualidade mundial, a ferocidade aparentemente soterrada e as ambições desmedidas das tribos germânicas que, no passado, esmagaram o predomínio romano da Europa. Os romanos, por sua vez, tiveram de pagar, por assim dizer, as atrocidades cometidas contra os celtas, o único povo filósofo do mundo, segundo Aristóteles. A sabedoria druídica, da religião pura dos celtas, teve o seu herói em Vercingetóridix, o grande e generoso chefe celta, que César arrastou pelas ruas de Roma, cego e humilhado, como um bárbaro sem entranhas. O druidismo, religião mediúmica e poética dos sacerdotes poetas e cantores, fazia parte da preparação do advento do Cristianismo. Kardec explicaria mais tarde, em comunicação mediúmica a Léon Denis (que Conan Doyle chama de o Druída de Lorena), a importância dos bardos celtas e o sentido profundo das tríades druídicas nas Gálias, para a libertação humana, imantação telúrica que inverteira os vetores do ser em sua projeção na existência.

O plano divino foi frustrado pelo arbítrio dos homens. A hierarquia espiritual foi sacrificada em favor das necessidades da experiência livre do homem em seu processo evolutivo. As ambições nazi-fascistas de Hitler e Mussolini constituíram a prova do círculo na repetição das experiências frustradas. O homem teve de voltar à barbárie, rompendo o frágil equilíbrio da *Belle Époque* europeia que mergulhou no caos da evolução material, no horror de suas conquistas tecnológicas. Milhares de criaturas sensíveis, como no caso doloroso de Stefan Zweig, tentaram escapar do caos pelo suicídio. Os indivíduos, ligados naturalmente às suas comunidades intelectuais, não dispunham de meios para escapar à pressão das forças cármicas desencadeadas no plano social.

Em seu livro *O Mundo que eu vi*, Zweig estabeleceu o contraste da Viena de seu tempo, paraíso musical de harmonia e beleza, centro intelectual e artístico da Áustria fervilhante de idéias elevadas com a avalanche de brutalidades, sujeira moral e ferocidade selvagem que se despencou sobre a cidade, o país e o

mundo. De onde vinha toda essa miséria humana, esse retrocesso histórico, arrasador, senão das camadas temporais subterrâneas, onde os monstros do passado despertavam de sua catalepsia providencial? Ainda hoje podemos ver em Viena uma imagem de bronze de Nossa Senhora, aparente objeto de culto religioso, mas provido por dentro de um sistema de espadas de aço. Os infelizes que eram ali encerrados morriam trespassados pelas espadas, ao fechar da imagem. As espadas simbólicas do martírio de Maria de Nazaré, ante a crucificação do filho, transformavam-se em espadas cruéis de morte sangrenta, e isso ainda nos tempos imperiais da grandeza austríaca. O sadismo infernal dessa forma de execução prova o estado real da evolução moral da Europa, que escondia suas garras de fera sob o manto piedoso da Virgem. Era inevitável a eclosão do Novo Terror, mil vezes pior que o da Revolução Francesa, na proporção em que a frágil camada de civilização fosse sendo rompida, ao despertar dos monstros subterrâneos. Esse rompimento verificou-se em escala mundial, como vimos em nossa contemporaneidade, pois tudo se encadeia no universo.

A Tecnologia da guerra ameaçou o mundo inteiro. Das bombas voadoras de Hitler saíram mais tarde, como borboletas cósmicas do futuro, os foguetes da pesquisa espacial que romperam as barreiras da gravidade terrena. Premida pela pressão do ambiente caótico do mundo, a consciência humana gerou a angústia existencial, com o apelo desesperado aos tóxicos, o aumento da criminalidade mundial, os surtos de criminalidade infantil e o anseio de fuga do planeta, nas tentativas de fuga pelo espaço sideral. A Astronáutica, nascida das entranhas da tecnologia de matança, transformou-se em esperança, embora remota, de libertação cósmica do homem. Fugir da Terra infestada de monstros do passado e devastada, poluída, aviltada pela raça humana, esse é o objetivo do homem contemporâneo. Mas como as barreiras das distâncias cósmicas parecem invencíveis, surgem os projetos líricos de construção de cidades cósmicas no espaço sideral, nos pontos neutros de gravidade entre a Terra e a Lua, bem como os projetos de revitalização da própria Lua, com arborização artificial para restabelecimento de sua atmosfera.

Delírios de uma fase histórica de pesadelo, que não passará com essas invenções, mas apenas com o processo purgatorial em marcha dolorosa.

Os desgastes da natureza forçam o homem a despertar para as exigências da sua própria transformação, no desenvolvimento de suas potencialidades espirituais. Antes da transcendência artificial na conquista do espaço cósmico, cabe-lhe atentar para a transcendência natural de suas possibilidades ônticas. Cabe-lhe ainda o dever moral de restabelecer a ordem terrena, harmonia e sua beleza primitiva. Os mundos superiores do Cosmos não podem receber os demônios da Terra, a não ser pela ordem de graduação evolutiva dos que conseguirem elevar-se acima do nível moral negativo do nosso planeta.

Em seu livro *O Jogo de Avelórios*, Herman Hesse observa que as fases da decadência do mundo são precedidas de fases musicais em que a estridência supera a harmonia. Nosso mundo atual chegou ao máximo da estridência na música. E essa estridência se reflete em todas as demais atividades artísticas. Voltamos ao primitivismo com técnicas inúteis de disfarce; resposta desses artifícios, não o desejo de progresso, mas a consciência da fragilidade humana, da impotência do homem atual para manter-se no equilíbrio dos gênios do passado, quanto mais para superá-los.

A genialidade escasseou no mundo, porque a civilização atual perdeu-se na subalternidade das aspirações inferiores. Por toda parte as atividades humanas se aviltaram na busca do pragmático. As mentes se fecham nos limites do interesse imediatista da sobrevivência corporal. Reduzido à imperfeição das funções orgânicas, o espírito só agora está voltando a ser considerado real e digno de atenção das ciências.

As últimas descobertas da Ciência revelaram, mau grado a obstinação materialista, que o espírito é o elemento estruturador da matéria, confirmando o princípio espírita da dispersão da matéria no espaço e sua aglutinação pelo poder estruturador do espírito. A teoria de força e matéria do século XVIII é agora substituída pelo princípio cientificamente provado de espírito e matéria. Nas ciências biológicas as experiências com embriões

de animais provaram que os centros padronizadores do organismo dominam a estruturação dos corpos. No tocante ao homem, as pesquisas russas da universidade de Kirov revelaram que a formação do corpo humano e seu funcionamento são determinados pelo *corpo bioplásmico*, constituído de plasma físico, correspondente ao *corpo espiritual* da tradição cristã, que no Espiritismo aparece com a denominação kardeciana de *perispírito*. O materialismo oficial e ideológico do Estado Soviético reagiu contra essa descoberta, mas as provas em contrário não foram feitas. Esses avanços da Ciência, mau grado a teimosia materialista e religiosa, reparam no campo científico atual os erros e distorções intencionais do passado, geralmente feitas em defesa de posições dogmáticas interesseiras.

Há uma enxurrada de crimes materiais, intencionais, morais e de toda espécie submetidos a revisões penosas da atualidade. Mas a disposição de regresso à posição certa poderá atenuar a violência das reações cármicas já desencadeadas em nosso tempo. Para essa atenuação muito poderão contribuir os homens de boa-vontade, em todas as circunstâncias em que se encontrarem. Volta assim à responsabilidade do livre-arbítrio humano a correção e a superação de seus desmandos no passado.

É natural o anseio atual do homem, de fuga para outros mundos. Ao se projetar na existência, o ser traz consigo, fixada em sua sensibilidade ôntica, o esquema de sua destinação cósmica. No homem, segundo a teoria genial de Frederic Myers, esse esquema secreto permanece em sua mente subliminar, influenciando sutilmente em sua mundividência. Depende da maior ou menor permeabilidade do limiar sobre o qual se assenta, por assim dizer, a consciência supraliminar, a percepção mais ativa ou mais imprecisa do futuro existencial do homem. Kardec esboçou, em *O Livro dos Espíritos*, a sua famosa Escala Espírita, com a caracterização admiravelmente precisa dos quadros superpostos dos graus de evolução espiritual do homem. Essa escala marca o roteiro cósmico do homem na direção dos mundos superiores do Infinito. A Terra figura nesse esquema como base de lançamento espacial dos grupos humanos devidamente preparados para a transferência a mundos mais elevados. A condição para integrar

esses grupos é apenas uma: *haver superado o nível moral do planeta*. Uma vez superado esse nível, o homem está apto a viver num mundo de regeneração, de onde partirá, completado o seu estágio regenerador, para mundos superiores, sempre na medida exata de suas possibilidades. Dessa maneira, todos nós sentimos o anseio da fuga sideral, em menor ou maior grau.

Desejamos todos viver num mundo diferente do nosso, que, segundo Kardec, é o Purgatório que os teólogos e os videntes nunca souberam onde colocar. É aqui, na Terra dos Homens, segundo a expressão acertada de Saint Exupéry, que temos de aprender a lutar contra a nossa fragilidade carnal, conquistando a invulnerabilidade do espírito. Na proporção em que o homem progride na sua evolução, mais vivas se tornam em sua memória subliminar e mais fortes de projetam em sua mente supraliminar as esperanças da escalada cósmica. Não há técnicas específicas para essa preparação do homem, pois a evolução de cada existente, ou seja, de cada criatura humana na Terra, se faz unicamente através das experiências vivenciais. As regras morais, as religiosas, as mentais não passam de arranjos criados por criaturas imaginosas e sistemáticas, que nem a si mesmas conseguem melhorar. O único manual possível de evolução espiritual é o *Evangelho de Jesus* compreendido em espírito e verdade, sem as interpretações dogmáticas do sectarismo religioso. Só a vida guarda o segredo da preparação específica de cada existente para o colocar em condições de partir para os mundos do espaço sideral.

O Espiritismo nos mostra e prova, desde as pesquisas de Kardec até as atuais, que antes de nos libertarmos do planeta temos de passar pelos estágios progressivos da própria esfera espiritual da Terra. Não devemos, pois, olhar com muito anseio e pretensão para as estrelas distantes, esquecidos de nossas contas finais com a própria Terra. Para pisar no primeiro degrau dos mundos superiores, precisamos antes provar as escadinhas internas da nossa morada atual. Não há milagres na evolução, há leis.

Algumas instituições espíritas inventaram ou adotaram sistemas de santificação, à maneira dos usados no Catolicismo e no Protestantismo. Ao invés de ensinarem doutrina espírita, passa-

ram a dar cursos de boas maneiras, de impositação de voz e assim por diante; cometem um grande erro, pois na verdade as pessoas se revestem de hipocrisia, logrando-se a si mesmas. Perdem a naturalidade, a espontaneidade e com esta a virtude preciosa da sinceridade. Jogam fora o que têm de melhor, que é a capacidade de não mentir e não fingir. Às vezes, em mensagens mediúnicas de espíritos ainda apegados ao ranço clerical das sacristias, aparecem recomendações desse teor. É natural que uma criatura queira dominar e controlar o seu comportamento na medida das exigências da sociabilidade. Mas daí a entregar-se à deformação de si mesma para aparentar angelitude vai grande distância.

A evolução humana não se faz por meio desses artifícios ridículos. Não vem de fora, mas de dentro, das profundezas do ser. A experiência vital é o corretivo natural dos espíritos indisciplinados. Na Terra podemos fingir e mentir à vontade, mas ao deixá-la nos defrontaremos com a realidade nua e crua do que somos. O que nos interessa, portanto, não é aprender regras padronizadas de comportamento fingido, mas refinar-nos na medida do possível, cultivando o respeito aos outros, o amor aos semelhantes, a humildade que nasce da compreensão de nossas imperfeições. O fingimento é logo percebido por todos os que não se utilizam dele.

O Espiritismo nos ensina que temos em nós mesmos, em nossa natureza específica, os recursos de que a vida se serve para nos tornar mais aptos a viver com dignidade e nobreza espiritual legítima. Não podemos instalar em nossas instituições esses modelos falidos que modelaram os carrascos das inquisições, cobrindo a astúcia de serpentes venenosas. Ninguém pode atingir o céu com as asas de cera de Ícaro, e muito menos com asas de papel de seda dos anjos de procissões. Temos de enfrentá-la como ela é, com a nossa própria realidade, para podermos amadurecer ao sol da verdade, longe das sombras da mentira.

Pureza e impureza, na concepção espiritual da vida

O conceito de pureza nasce das relações sensoriais e, portanto, epidérmicas do homem com as coisas e os seres. A sensação desagradável ou repugnante determina a natureza impura da coisa. Ao contrário, a sensação agradável é de limpeza. Na gama infinita das sensações e em suas diversificações influem também as condições ambientais, mesológicas, ecológicas, os usos e costumes, as tradições e assim por diante. Mas o que interessa ao nosso estudo pode resumir-se no primeiro contraste, que é o desencadeante do processo. A influência racional aparece tardiamente, não conseguindo modificar os esquemas estabelecidos. O critério religioso do puro e do impuro é uma conseqüência refinada e racionalizada do processo natural e instintivo, geralmente determinado por processos intelectuais e pelas exigências do conceito do sagrado e os preceitos de santificação.

Para os judeus a vida era pura e a morte impura. Bastava uma pessoa cair morta entre pessoas puras e todas elas ficavam impuras e tinham de submeter-se no Templo aos ritos de purificação. Lázaro, morto e ressuscitado por Jesus, tornara-se impuro. Para os gregos a impureza vinha das derrotas em lutas físicas ou na escravidão. Para os romanos, a impureza vinha dos espíritos malignos que deviam ser afastados das cidades pelas procissões dos ancestrais, carregados em esfinge como santos ou pelas festas dedicadas aos deuses. Mas em todos os casos a impureza era aviltante e exigia ritos de purificação. Para os indianos a impureza era atributo dos párias e contagiava as castas superiores, nascidas da cabeça e do espírito de Brama. Para todos os povos antigos a relação sexual era impura, mas os deuses podiam purificá-la. Não obstante, as criaturas superiores não podiam nascer dessa relação, mas apenas de mães virgens fecundadas por um deus, como no caso de Pitágoras. A virgindade era pura e sagrada, mas a esterilidade feminina denunciava a maldição dos deuses para a mulher. As virgens mães eram puras e geravam messias e profetas. No culto de Vesta, introduzido em Roma, as

vestais deviam ser puras e manter-se virgens até os 30 anos de idade, sendo enterradas vivas se tivessem relação sexual antes daquela idade. Não obstante, o culto fálico se propagava entre todos os povos. E a prostituição sagrada oficialmente nos tempos de Vênus dignificava as prostitutas. Dessa situação confusa nasceram as regras de pureza e impureza do mundo cristão primitivo, ligado umbilicalmente às prescrições judaicas. Afrodite era cultuada e nos templos da Suméria havia cópulas sagradas nos altares, sob as bênçãos dos sacerdotes.

De todo esse panorama confuso, as bacanais e as saturnais eram festas gloriosas, que agradavam os deuses. Todas as religiões atuais estão ainda carregadas dos resíduos dessa fase. Esse prolongamento da confusão erótica ao nosso tempo revela a predominância, no homem pretensioso de hoje, de sua instintividade animalesca, acrescida de um falso refinamento produzido pelo progresso material. A imensa maioria das criaturas humanas, às vésperas da Era Cósmica, vive o dia-a-dia das sensações primárias da espécie. O desenvolvimento do princípio inteligente foi atrofiado na civilização tecnológica pela importância dada, de maneira quase absoluta, aos problemas do bem-estar, das comodidades e da elegância do supérfluo. Em geral, somos ainda macacos – não os que atribuíram a Darwin, mas os posteriores – mais interessados a cuidar da barriga do que da cabeça.

Nossa civilização é uma caricatura, em traços grotescos, daquela com que Augusto Comte sonhou, confiante no seu lema ingênuo de ordem e progresso. Com a ordem tecnológica só conseguimos o progresso das devastações ecológicas, do enriquecimento de minorias inúteis e desprovidas do mínimo senso de equilíbrio social, corroídas pela febre das ambições alucinantes, em contraste aterrador com a proliferação das maiorias depauperadas, das multidões esfarrapadas, famintas e doentes. Destruímos a inocência das crianças, que se transformaram em assaltantes e assassinas. Nosso fracasso é total. Os avanços científicos do século compensam em parte o atraso moral e espiritual, mas ao mesmo tempo fazem ressaltar os descabros das gerações levianas, viciosas, pedantes e insolentes, que desprezam os valores significativos da civilização terrena.

Superando os condicionamentos multimilenares do passado, o Espiritismo superou também os formalismos e as sistemáticas da era moderna, estabelecendo, às vésperas do advento do século XX, as diretrizes de uma nova mundividência. Kardec, culturalmente filiado à chamada era das luzes, não se prendeu aos excessos do cientifismo acadêmico. A nova cultura surgia sobre os anátemas da Igreja e as ameaças dos sabichões, como diria Richet. Sábios, filósofos e cientistas temiam os fantasmas das superstições populares. Levantava-se assim uma nova barreira ao avanço livre das ciências. Repelindo o temor infantil, Kardec resolveu enfrentar os fantasmas. Lembrando o episódio da revolta de Descartes contra a cultura mumificada dos jesuítas de La Fleche, à reação de Rousseau ao tradicionalismo educacional e, mais especificamente, o estudo de Galvani sobre a dança das rãs, não vacilou em verificar o que se passava nos salões parisienses com a dança das mesas. Cauteloso e audacioso ao mesmo tempo, descobriu o mecanismo do fenômeno e aprofundou-se na sua pesquisa. Foi assim, como um cientista e não como um místico (que nunca havia sido), que ele afugentou da mentalidade do tempo os fantasmas das superstições, substituindo-os pelos fantasmas reais dos espíritos manifestantes. Provou de maneira irrefutável a sobrevivência do homem após a morte corporal e que os sobreviventes não viravam anjos nem demônios, mas guardavam a dimensão espiritual da realidade terrena, não no céu nem no inferno, mas aqui mesmo, na Terra dos homens, a sua condição humana.

Hoje, as pesquisas da Física moderna e da Parapsicologia comprovaram inteiramente o acerto do mestre francês. Revelada a face oculta do planeta, em que a vida prossegue vitoriosa e livre, houve pânico nas ciências e profunda modificação nos conceitos da própria modernidade dominante. Os conceitos relativos de pureza e impureza romperam suas ligações umbilicais com o passado e abriram-se em novas dimensões de uma realidade surpreendente. A pureza deixou de ser um tabu para se transformar num conceito real, de bases científicas. Passou-se a entender por pureza a naturalidade das coisas e, conseqüentemente, por impureza as deformações das realidades sistemáticas

imaginárias dos clérigos, dos teólogos e também dos positivistas e materialistas, todos eles mais amigos de Platão do que da verdade. Kardec mudava o sentido dos conceitos fundamentais do bem e do mal, mostrando através de suas pesquisas psicológicas, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que mal e bem são conceitos relativos ligados ao processo universal da evolução. O mal é a estagnação, o atraso, a ignorância, e o bem é o progresso, o fluxo das coisas e dos seres, a transcendência. Morrer é um mal, pois a morte corta o fluxo vital do homem que se imobiliza no cadáver. Mas da própria morte resulta o bem da ressurreição, em que a essência do homem, que é o espírito, entra no fluxo superior da vida espiritual. A morte como nadificação do homem, segundo Sartre, é um contra-senso filosófico e científico, pois o nada não existe, é um conceito vazio, como Kant já o verificara. Na plenitude do Universo, hoje comprovada pelas pesquisas astronômicas, não há lugar para o nada, essa abstração sem sentido.

O estudo da doutrina espírita nos mostra que ela representa uma reformulação total do conhecimento humano. Mas as implicações religiosas da doutrina – embora Kardec jamais a tivesse apresentado como religião, e sim como ciência, – moveram as forças estacionárias das religiões contra Kardec e a doutrina, tentando sufocá-los e eliminá-los da realidade cultural do planeta. Não o conseguiram, mas apoiados na ignorância, de populares e sábios (os sabichões de Richet), conseguiram confundir os fatos espíritas com a magia das religiões primitivas das tribos selvagens, afastando do estudo da doutrina muitas pessoas supostamente cultas. Instalado numa casa pobre da Rua dos Mártires, em Paris, Kardec fez jus ao nome da rua, pois ali se transformou no mártir da ciência admirável, de que falava Descartes. Ainda hoje o Espiritismo é encarado, por medo e preguiça mental, pela maioria das criaturas humanas, tão necessitadas do seu socorro, como uma ciência suspeita. E isso não obstante as comprovações científicas das verdades espíritas, feitas pelos cientistas eminentes em todos os grandes centros universitários do mundo.

Léon Denis, discípulo e continuador de Kardec, percorreu toda a Europa, em meados e fins do século passado, pronunciando conferências sobre o Espiritismo, na esperança de superar as barreiras levantadas pelas religiões e pelas ciências contra a doutrina. Uma das suas principais conferências, que abalaram a Europa, intitulava-se *A Missão do Século XX*. Denis previa o avanço das pesquisas espíritas nos meios científicos e culturais em geral, anunciando o reconhecimento científico do Espiritismo pelas ciências. Já no final do nosso século podemos constatar o acerto de Denis. Se não houve um reconhecimento fora da Ciência Espírita, houve o reconhecimento de fatos pelas comprovações científicas, no interesse do próprio desenvolvimento das ciências.

A Ciência Espírita apresenta-se hoje como a pedra enfeitada da parábola evangélica, que teve de ser colocada como a pedra angular da cultura do nosso tempo. Sua abertura generosa, jamais se fechando em dogmas e sistemas fechados, é um desafio constante ao mundo convencional da cultura que tenta desprezá-la e não consegue libertar-se dos rumos teóricos e metodológicos por ela traçados, sem outra imposição de sua realidade do que a própria realidade dos fatos em que se fundamenta. Cassirer, filósofo alemão contemporâneo, condenou os sistemas, considerando-os como leito de Procusto, em que os fatos empíricos das pesquisas têm de adaptar-se, deformados, a uma sistemática prévia. Ao elaborar a Ciência Espírita, Kardec, muito antes dessa opinião do filósofo, declarou que o Espiritismo oferecia, ao mesmo tempo, uma filosofia e uma ciência *livres dos prejuízos do espírito de sistema*. A palavra grega *dogma* equivale apenas a opinião, mas as religiões lhe deram o sentido de veredicto intocável. Kardec se refere ao dogma da reencarnação, mas não com o sentido religioso, esclarecendo que não se trata de dogma de fé, mas de razão. Todos os princípios da doutrina estão sujeitos à crítica e à reformulação, desde que uma prova científica, prova comprovada, seja reconhecida como tal pelo consenso universal dos sábios.

Assim como, na lei universal de ação e reação, os fracassos existenciais das civilizações acarretam conseqüências desastro-

sas no futuro, também os sucessos resultam em conseqüências benéficas. Equilibram-se os pratos da balança no processo da evolução humana. Às situações conflitivas de hoje, em nosso mundo, essa lei opõe as situações favoráveis da cultura. Ao mesmo tempo em que os dragões do passado acordam em seus esconderijos, acendem-se as luzes de esperança nas conquistas atuais da Humanidade. A influência dessas conquistas sobre os povos abrandam os mitos negativos do passado, predispondo o presente para os avanços necessários, na elaboração universal de um mundo melhor.

John Dewey considera como experiência não apenas os ensaios humanos, mas também os ensaios da natureza. Todo o Universo, segundo a concepção espírita, é uma gigantesca experiência nos rumos das realizações arquetípicas, baseadas na elaboração de novos tipos da realidade para o futuro. Deus opera e experimenta em plano maior, enquanto os homens realizam suas experiências infantis nas dimensões possíveis de sua condição presente. O conceito de Deus, formulado constantemente pelos homens, nunca pode expressar essa realidade cósmica, mas na evolução espiritual do homem esse conceito avança em dinâmica progressiva. Tanto podemos fazer de Deus uma imagem humana como a imagem de um poder sem forma, semelhante ao fogo, como queria Zoroastro na antiga Pérsia. O importante é compreendermos que não há ordem sem poder disciplinador e que a ordem do Universo não poderia surgir do acaso, a menos que consideremos o acaso como um poder inteligente.

Kant, que considerou o nada como um conceito vazio, considerou também o conceito de Deus como a mais alta expressão do pensamento humano, um conceito pleno, em que toda a realidade universal se expressa numa só palavra de poucas letras.

As transformações conceptuais que o Espiritismo acarreta em nossa visão do mundo seria suficiente, por si só, para caracterizá-lo como a maior e mais completa revolução cultural do planeta, em todos os tempos. Por isso é necessário que os estudiosos do Espiritismo procurem definir bem os seus conceitos doutrinários.

O Panpsiquismo e a unidade espiritual do homem

Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, lançou a teoria do panpsiquismo, segundo a qual todas as coisas e seres encerram em si mesmos um dínamo-psiquismo inconsciente que se desenvolve na temporalidade. A *psique*, ou alma, constituiria assim a essência dinâmica de todas as coisas. Do minério à humanidade se processaria incessantemente o desenvolvimento psíquico universal. Mas Kardec, muito antes de Geley, explicara, em *O livro dos Espíritos*, obra básica do Espiritismo, que o espírito se apresenta no Cosmos como um elemento fundamental de toda a realidade conhecida. O Universo inteiro se constitui de dois elementos fundamentais, o *espírito* e a *matéria*, de cuja interação resultam, num processo dialético hegeliano, todas as coisas e todos os seres, conhecidos e desconhecidos.

Os gregos já haviam sustentado, seis séculos antes de Cristo, a teoria isolista, segundo a qual a Terra é um organismo vivo dotado de alma. Mas o panpsiquismo de Geley tinha por objeto o esclarecimento do processo evolutivo. Ele desejava encontrar, nessa possível dinâmica interior das coisas, a energia esquiua e secreta das metamorfoses universais. Há evidente afinidade dessa teoria com a do elã vital de Bergson, para explicar a dinâmica da vida na matéria e que nela gera espécies vivas, que vão dos chamados insetos sociais até a espécie humana. Pesquisador espírita sucessor de Richet e companheiro de Eugéne Osty no Instituto metapsíquico Internacional de Paris, Geley buscava estabelecer em bases objetivas e pesquisáveis a dinâmica da evolução. Remy Chauvin, entomólogo e diretor de pesquisas do laboratório do Instituto de Cultura Superior de Paris, continua hoje essa tradição científica francesa iniciada por Kardec.

A visão generalizada do processo evolutivo se confirma na sua própria realidade material e nas pesquisas paleontológicas, mas o que interessa atualmente é descobrir a mola oculta desse processo natural. A teoria de Geley é uma contribuição séria e fecunda para essa busca científica. Aceita hoje a teoria da evolu-

ção das espécies até mesmo pelas igrejas – como se vê no caso de Teilhard de Chardin –, resta quase virgem o campo das conotações, do *modus faciende* desse processo. A simples idéia de que uma espécie gera ou pode gerar outra não esclarece o problema, apenas o impõe. A teoria da mônada, que vem de Platão e encontrou em nosso tempo fecundo desenvolvimento em Leibniz, é aceita particularmente no meio filosófico, mas cientificamente não conseguiu ainda passar do campo teórico. Kardec chegou a propor que a distância entre o animal e o homem é tão grande quanto a distância entre o homem e Deus, sugerindo assim a existência de uma possível genealogia do espírito humano, que poderá ser descoberta e definida cientificamente. Nesse sentido, Chauvin deu uma contribuição como ontomólogo, ao mostrar-se surpreso de que os insetos sociais não tenham dado o salto para a humanização e supondo que isso possa ter acontecido em outro planeta.

Alguns etnólogos e mitólogos, como Antré Lang e Max Freedom Long, citados por Ernesto Bozzano, chegaram a aceitar a possibilidade de traços e características animais em raças humanas. Essas suposições, de origem evidentemente totêmicas, não passam do plano especulativo. O homem não se define pela sua aparência corporal, onde as marcas da animalidade ancestral podem aparecer de maneira generalizada e não específica. O espírito humano, que é a essência do homem e a única ficha de sua identidade evolutiva, revela em toda parte e em todos os tempos a sua unidade espiritual. Essa unidade não provém da forma corporal, mas da consciência. A diferenciação das espécies, particularmente das superiores, torna-se prenhe nas suas características psíquicas. A unidade do espírito humano é perfeita e invariável em todas as raças do passado e do presente. Porque as espécies superiores, tanto nos reinos mineral, vegetal, animal e humano, revelam sempre a supremacia espiritual da espécie, que se despe das heranças da ganga das metamorfoses para se fixar no plano superior da vida. A animalidade humana revela apenas a deficiência do progresso espiritual e da vitória do espírito no ser em desenvolvimento. As potencialidades do ser, suficientemente definido no processo evolutivo como desta ou

daquela espécie, sofrem naturalmente atrasos acidentais, dando aos observadores desprovidos de dados de observações de pesquisas mais completas a impressão de resíduos das espécies superadas.

Como ensinou Kardec, o ser que se define num plano superior mantém a sua unidade psico-afetiva sob controle e ação iluminada pela consciência. É um produto acabado e perfeito da evolução, que só continuará a modificar-se no ambiente e nas condições do estágio evolutivo que atingiu. As experiências da domesticação animal dos hominóides provaram que falta a estes a condição superior para exercer funções correspondentes ao nível em que se pretende incluir. Essa irreduzibilidade do homem animal à condição animal superior exclui toda possibilidade, tantas vezes tentada, de se empregar animais nas atividades específicas do homem. A hierarquia natural da criação é determinada pelas leis da evolução e nela se encontra todo o edifício da ordem Universal.

É evidente que o homem pode se rebaixar – e freqüentemente se rebaixa – ao plano animal, em virtude de suas ligações sensoriais com o corpo. Mas sempre que isso acontece o homem abdica temporariamente de sua condição humana e sofre a reação da consciência, o que geralmente lhe acarreta situações íntimas penosas. O instinto de conservação vigia as suas quedas e o ameaça com o perigo de sua precipitação em planos inferiores, onde o seu desajustamento o pune e o força a voltar ao plano de que se afastou para uma experiência temerária, usando indevidamente o seu livre-arbítrio. Por isso Kardec advertiu que não há arrastamentos irresistíveis no plano das tentações. O espírito preguiçoso vê-se então compelido, pelo seu próprio remorso da morte, a sujeitar-se ao círculo vicioso das reencarnações repetitivas. Como o ouvinte do Bolero de Ravel, que depois de repassar o bolero em toca-discos centena de vezes, acabou quebrando em desespero os seus instrumentos, o espírito retorna ao caminho certo que abandonara.

As Filosofias da Existência estabeleceram a diferença entre viver e existir, não só por necessidade de distinção e clareza na abordagem dos problemas humanos, mas também, e principal-

mente, pela conveniência de se ver cada coisa em seu lugar e em sua função. Enquanto isso, ao mesmo tempo em que se processava essa revolução conceptual no plano filosófico, Kardec desenvolvia suas pesquisas audaciosas sobre a separação real entre o vivente e o existente. Foi essa uma das maiores façanhas psicológicas de todos os tempos, mas que só repercutiu com proveito no meio espírita. Esses trabalhos foram publicados na *Revista Espírita*. Através da mediunidade dos médiuns de sua confiança (que não se referia à honestidade do médium, mas ao seu grau de sensibilidade mediúcnica) ele recebia nas sessões da Sociedade Parisiense as manifestações de espíritos de pessoas vivas. Não empregava o magnetismo nem qualquer espécie de evocação ritual. Verificava no registro das pessoas que se dispunham a servir na experiência aquelas que, segundo o registro, estariam naquele momento em disponibilidade. A seguir consultava o espírito orientador (o controle como Geley designava esse espírito) e este o autorizava a pensar ou não nessa pessoa. Estabelecida a ligação silenciosa do seu pensamento com a pessoa visada, logo esta se manifestava e se identificava, passando a responder pelo médium à inquirição do pesquisador. As verificações posteriores comprovavam a identificação do espírito manifestante, anteriormente desconhecido dos participantes da experiência. Kardec obtinha assim o existente separado do vivente, que naquele momento dormia em sua casa. Até mesmo o trajeto percorrido pelo espírito do vivo para chegar à sede da sociedade, na *Passage Santane* e os possíveis percalços do caminho, eram levados em consideração. Era assim que, enquanto o famoso teólogo dinamarquês Kierkegaard realizava suas cogitações sobre a vida e a existência, na Dinamarca, Kardec verificava ao vivo, em Paris, a possibilidade natural de exame isolado desses dois aspectos do homem. O que mais importava nessa pesquisa era o conhecimento das condições reais da situação. Claro que havia relação entre os propósitos, os métodos e os objetivos visados pelos dois investigadores. Kierkegaard não era filósofo nem cientista, mas teólogo. Kardec era filósofo, cientista, psicólogo e médico. Kierkegaard não desejava penetrar no campo filosófico, mas dava, sem querer, com suas cogitações, início às Filosofias da Existência. Ele mesmo declarou que não tivera

propósitos filosóficos, mas apenas interesse teológico. Kardec objetivava somente descobrir a mecânica, por assim dizer, da relação corpo-espírito, que interessava às suas pesquisas mediúnicas.

O desprezo voltado ao Espiritismo pelos filósofos e cientistas da época, receosos de se meterem no campo perigoso das bruxarias, não permitiu, até hoje, o aparecimento de um trabalho aprofundado sobre essa coincidência à distância na investigação de ambos. Vemos assim o desinteresse com que os problemas fundamentais de uma cultura real do humano, que surgia na segunda metade do nosso século, foram tratados naquela fase.

O vivente, aquele que vive simplesmente, entregue às exigências corporais do homem, permanece ainda no plano animal. O existente, pelo contrário, é aquele que afirma o seu existir na vida e luta por transcendê-la. Só esse conta na escala humana, pois os viventes ainda não se integraram nela.

O corpo dorme, mas o espírito se liberta e se manifesta através da sensibilidade mediúnica de outra pessoa. Como se produziu a prova científica desse fato, com os métodos objetivos exigentes da Ciência Moderna? Kardec rompeu a barreira da sistemática materialista, mostrando a necessidade de adequação do método à natureza específica do objeto. A metodologia que elaborou, excluído o aparelhamento tecnológico atual, é praticamente a mesma que Rhine, Pratt e Mac Dougal empregaram no desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas atuais. A metodologia espírita de pesquisa dos fenômenos paranormais antecipou de muito os métodos da psicologia experimental e aprofundou os seus objetivos, atingindo a sondagem do inconsciente quando Freud ainda freqüentava a escola primária, vestido com a roupagem da inocência.

Não mencionamos o problema das antecipações científicas do Espiritismo para nossa vanglória, mas os leigos, em geral, recorrem sempre às novidades atuais como superação do trabalho modelar de Kardec. A bem da verdade histórica e da colocação epistemológica certa da Ciência Espírita, é necessário que tenhamos consciência da anterioridade das descobertas espíritas. Além disso, é justo que se dê o mérito ao seu dono, que se

coloquem as fases científicas no seu devido lugar. Os mais atrevidos adversários gratuitos da doutrina, às vezes com a boa intenção de resguardar o patrimônio científico, querem afastar do quadro das ciências a vigorosa e decisiva contribuição dos pioneiros espíritas. Colocar à margem da história das ciências o esforço persistente dos grandes cientistas que comprovaram as descobertas de Kardec, desde meados do século passado até este momento, não representa apenas uma injustiça, mas também uma traição à verdade dos fatos.

Esquecer os fundamentos científicos do Espiritismo, as grandes batalhas solitárias de Kardec contra as forças culturais dos dois últimos séculos, tem sido um meio de negar o valor e a influência da doutrina no desenvolvimento científico da atualidade. E com que interesse se faz essa negação, se não o de se manter em vigor o prestígio de instituições arcaicas, irremediavelmente peremptas, em detrimento evidente e interesseiro da evolução espiritual do homem?

Nas circunstâncias atuais essa tentativa se torna ridícula, o analfabetismo das massas, apoiado e alimentado pelos *sabichões* de que falava Richet, esses analfabetos ilustres que falam do que sabem e do que não sabem, favorecem a modorra doirada dos vivos na existência em suas cadeiras acadêmicas, em suas tribunas místicas e em seus púlpitos em decadência. Por tudo isso, a posição dos espíritas, no panorama atual do mundo, não pode ser o de acomodação às conveniências, mas a de luta em favor do esclarecimento dos homens. Os tempos mudam rapidamente e para o espírita convicto não há tempo a perder nesta hora de transição cultural.

A fase intermediária da moralidade subjetiva

Para se projetar na existência o ser já desenvolveu em si as potencialidades vitais que antecedem, no plano racional-afetivo, o desenvolvimento da moralidade. A dialética subjetiva da racionalidade com a afetividade – razão versus sentimento – produz no ser a síntese da moral subjetiva, que engloba e disciplina as experiências longamente desenvolvidas nos planos inferiores de sua própria ontogênese, que estabelece nesta a realidade do *em-sí*, esse pivô da formação ôntica, que isola o ser nascituro de suas conotações vitais com os reinos inferiores da Natureza, permitindo-lhe o desenvolvimento do egocentrismo. Esse ego solitário centraliza avaramente o progresso já realizado, despertando para consciência de si mesmo. Sartre, que negligenciou toda essa anterioridade, apresentou o ser como *uma coisa limposa e fechada em si mesma*, que se projeta na existência em virtude da necessidade ôntica da comunicação. Essa parte metafísica de *O Ser e o Nada*, de Sartre, é a primeira contradição de sua filosofia. O ser que se lança na existência não é nem pode ser essa espécie de ovóide espiritual inconsciente, pois determina por si mesmo essa projeção por sentir a necessidade de novas experiências. O ato de lançar-se na existência equivale ao nascimento do ser como criatura humana. E tanto assim que o ser se transforma numa *paixão inútil*, que é a paixão do homem na vida em busca da transcendência que o fato da morte transforma em frustração.

A realidade viva e existencial do homem, entretanto, é real e universalmente o contrário disso. Lançada na existência, a criatura humana amadurece nas experiências vitais para resolver-se como *existente*, um ser que existe no plano material concreto e desenvolve a sua facticidade (a forma humana com que nasceu feito) num processo contínuo de transcendência. Desde o seu primeiro grito, o ser se projeta na transcendência horizontal da conquista do meio, prosseguindo na conquista do mundo e atingindo a transcendência final sobre a morte através da ressurrei-

reição, hoje confirmada pelas pesquisas científicas e tecnológicas.

Na família e na escola o ser pisa os primeiros degraus de sua escalada transcendente na existência. O egocentrismo inicial pode concentrar-se em egoísmo no período infantil e da adolescência, arrastando-se em certos casos mórbidos na idade madura, na forma de estagnação do infantilismo adulto de natureza psíquica. A moralidade se apresenta então como recurso natural de correção desse acidente. Forçado pelas exigências externas da moral social, o ser vai aos poucos se abrindo para a descoberta íntima da moral subjetiva ou endógena, que não pressiona de fora, mas de dentro, na sua própria intimidade. São os dois tipos de moral classificados por Bergson: a *Moral Fechada* (porque fechada numa estrutural social restrita) e a *Moral Aberta*, individual e endógena, pela qual a moralidade do ser se abre à comunhão humana irrestrita. Nesta moral o ser, a princípio biopsíquico, atinge as dimensões da moralidade, transformando-se num ser moral. A Moral Social ou fechada está sempre ligada a uma religião estática, tradicional, seguindo a proposição de Bergson, e a Moral Aberta ou individual corresponde às religiões dinâmicas, antidogmáticas e racionais. A Moral e a Religião livres constituem a fase de transição do ser moral para o ser espiritual. Neste ser o homem atinge a *transcendência* possível na *Existência*. Diante dele se abrem as vias da Espiritualidade Superior. A morte não existe para ele, pois vê diante dele as perspectivas do Infinito, com os mundos felizes em que as atividades humanas são substituídas pelas atividades divinas. Nele se cumpre a destinação do homem no após morte, com a vida em abundância a que se referiu o Cristo, o Nirvana de Buda, o Tao de Lao Tsé e assim por diante. Não podemos conceber, em nossos cérebros de origem animal, a grandeza ilimitada dessa transcendência cósmica, que é o destino natural de todas as criaturas humanas.

A Moralidade, que Pestalozzi considerava como a única religião verdadeira, colocando-a como o fim supremo da educação, representa o acabamento do homem como um ser humano, o cidadão universal. Esse homem formado para universalidade não tem pátria nem raça, mas não é um apátrida, por que todas as

nações lhe servem de pátria. Não aceita nenhuma discriminação humana, pois a Humanidade é a sua família e a sua raça. Ele vê nos seus irmãos humanos, de todas as condições, criaturas que avançam para a divindade, esse delta espiritual em que deságuam todos os rios que se decantam nas corredeiras existenciais para atingirem o verdadeiro Mar da Serenidade, que não está na Lua, mas aqui mesmo na Terra dos Homens. E este não é um sonho de poeta lírico, nem uma alucinação ou miragem, mas a realidade que Jesus de Nazaré nos mostrou na face líquida do Mar da Galiléia. A pesca milagrosa dos Evangelhos se repete continuamente na visão espiritual dos que se entregam ao fluxo existencial.

A Moralidade, que é a Moral na sua plena atualização, transformada de potência em ato, revela-se então como o supremo ideal humano. Uma vez atingido esse ideal, o homem se transforma em Divindade, como a flor que se transforma em fruto.

Como se perdem na poeira da Terra os conceitos pragmáticos da moral que a reduzem à raiz latina de mores, de usos e costumes mantidos segundo as conveniências! A Moral não é um sistema de regras imediatistas, como quiseram os sociólogos materialistas. Como não é, também, uma entidade mística ou mitológica. É uma aspiração natural do homem, no anseio de realizar toda a sua perfectibilidade possível, segundo essa expressão de Kant. E nesse sentido é que ela paira acima da realidade perecível, mantendo incólume através dos tempos a sua atração de arquétipo sobre a consciência humana. Sua eternidade, sustentada pelos metafísicos e negada pelos materialistas e pragmatistas, é relativa à duração da Humanidade no cosmos. A concepção existencial do homem, como um ser projetado contra o alvo da morte, uma flecha disparada no sentido de transcendência, revelou-nos a natureza ôntica da sua eternidade. O conceito bastardo da moral como normativa social agrada aos que desejam libertar-se dos compromissos morais para se entregarem às atrações dos instintos animais e à irresponsabilidade das aventuras ilusórias. A falta de visão espiritual dos pesquisadores levianos, apegados aos fenômenos e esquecidos do *búmeno*, ou seja, da causa, contribui negativamente para a deformação da

moral e a conturbação do nosso tempo. Os moralistas fanáticos, e por isso mesmo incapazes de compreender a natureza verdadeira da moral, bem como as Ligas da Moral, respondem pelos surtos de imoralidade nos séculos de racionalismo superficial.

A moral social apóia-se em pressupostos contraditórios, com o direito de matar para salvar a honra, tornando o homem assassino, o dever de mentir para defender a verdade, o dever de explorar e acumular fortunas com o suor alheio e engrandecer-se perante o meio social, o direito de matar por amor, o direito dos abastados explorarem a miséria dos sem recursos e com isso os protegerem em sua miséria e assim por diante. As contradições da moral social devem ser ferozmente defendidas pelos guardiões da ordem pública, que dispõem do direito de esmagar os que protestarem ou se rebelarem. As condições da moral social revelam a precariedade das condições conscienciais do nosso tempo. O julgamento ético mais superficial dessa estranha moral resultaria em sua condenação sumária pela Moral Aberta de Bergson. Precisamos ainda de muitos séculos de evolução para elevarmos a nossa humanidade à condição do humanismo cristão de que ela se vangloria. O desenvolvimento de uma consciência espírita esclarecida, através da Educação, como queria Kardec, poderia apressar o nosso ajustamento à realidade cristã.

A *existência* é vista pelos existencialistas como uma subjetividade pura. Enquanto a vida se complica nas funções biofisiológicas do organismo corporal, entranhada no campo fenomênico, a *existência* se liberta no plano sutil dos epifenômenos. Não existimos como corpo, mas como um sistema de reflexos condicionados a exigências vitais do corpo. Há uma nítida distinção entre os atos corporais e as atitudes, anseios e fabulações da mente e as preocupações, captações e pré-percepções da mente. Descartes compreendeu esse problema de maneira aguda e nos advertiu quanto ao perigo de confusão da alma com o corpo. A alma é a subjetividade que se oculta no corpo, como a orquídea nas ramagens de uma árvore, e ali se entrança com as fibras vegetais para, servindo-se da seiva como de um combustível sutil, florir em expressões de sonho e beleza na primavera. Se não conhecêssemos o processo parasitário, certamente confundi-

ríamos puras parasitas com as flores genésicas da árvore que se definirão em frutos. Hegel distinguiu o reino vegetal como um sistema de pura e permanente doação. Herdamos do mineral a estabilidade aparentemente fixa e resistente de nossas estruturas ósseas, dos vegetais a sensibilidade perceptiva e dos animais e motilidade vibrante que supera de muito a lenta movimentação dos tropismos. Nosso corpo possui as características desses três reinos, mais a alma, que acrescenta a essas heranças a produção epifenômica da nossa estrutura ôntica, que não deriva da matéria, mas do espírito. Vivemos como um ser espiritual e não como pedra, planta ou animal.

As pesquisas parapsicológicas levaram os pesquisadores da Duke University a proclamar a natureza extrafísica da mente e do pensamento. Os pesquisadores ingleses, como Soal, Price e Carington, das Universidades de Londres, Oxford e Cambridge, a confirmarem essa descoberta. Vassiliev, da Universidade de Stalingrado, discordando como materialista, aventurou-se a uma série de pesquisas para mostrar o contrário e acabou reconhecendo a impossibilidade de fazê-lo. Ultimamente, na Universidade de Kirov, a URSS teve o amargo desprazer de ver os seus pesquisadores descobrirem o corpo bioplásmico dos animais e do homem, bem como o dos vegetais. Esse corpo é constituído pelo plasma físico, quarto estado da matéria, formado de subpartículas atômicas. A Universidade norte-americana de Prentice Hall divulgou os trabalhos de suas pesquisadoras Sheila Ostan-der e Lynn Schroeder, que verificaram na URSS essa descoberta e entrevistaram os pesquisadores russos. Desencadeou-se então a batalha contra esse fato, sintomaticamente promovida por materialistas e religiosos, na defesa conjunta dos seus dogmas.

É evidente que de tudo isso resulta a prova da subjetividade existencial e da presença no mundo de um velho e irredutível preconceito quanto à natureza espiritual do ser humano. Os interesses em jogo são universais, abrangendo instituições religiosas e ideologias ferozes e, por dedução lógica, a tranqüilidade de vastos e rendosos rebanhos de suaves ovelhas; o homem contra a realidade espiritual, o que vale dizer contra a sua própria realidade como ser, vem das primeiras fases do seu desenvolvi-

mento intelectual. Entre os judeus manifestou-se na seita dos saduceus, que Kardec considerou como os materialistas do tempo de Jesus. Entre os gregos definiu a fase histórica dos sofistas, que não acreditavam em nenhuma verdade possível e só confiavam no poder das palavras. Sócrates destruiu suas pretensões exigindo que tirassem, de trás de cada palavra, o conceito em que a realidade do fato desfazia a ilusão do *flatus*, do palavrear inconseqüente. Como que embriagados com a vida material e delirando com o poder recém-descoberto da razão, a luta contra o espírito dominou os séculos exponenciais do desenvolvimento cultural, atingindo o auge a partir do século XVI até os meados do século XIX.

A invasão organizada dos Espíritos, como Conan Doyle a denominou, iniciou-se no século XVIII, paralelamente com o início da tecnologia. As manifestações espíritas, precedidas do caso Swedenborg na Suécia e do caso Jackson Davis nos Estados Unidos, só se formataram no século XVIII com as primeiras tentativas de formulações doutrinárias. Coube a Kardec, em meados do século XIX, enfrentar corajosamente o problema e responder com pesquisas científicas e argumentação filosófica às pretensões vazias do materialismo, que também então se definia em várias tentativas de elaboração doutrinária, como as do próprio Swedenborg e Jackson Davis. Karl Marx organizou em termos políticos e econômicos a primeira grande doutrina materialista de molde científico.

Antes disso não houve nenhuma escola, filosófica ou científica, materialista no mundo. As referências materialistas atuais a várias escolas gregas, como a dos fisiólogos e dos jônicos são inteiramente forçadas. Toda antigüidade esteve mergulhada e embriagada num religiosismo tradicionalista ingênuo, como o atestavam as grandes doutrinas de Pitágoras, Platão e Aristóteles, bem como a filosofia moral de Sócrates e sua condenação pelo Tribunal de Atenas, por negar a existência dos deuses mitológicos e, com isso, tentar corromper a juventude. O materialismo surgiu como uma flor de estufa, artificialmente cultivada no recesso dos pequenos grupos intelectuais da Europa. Em nosso século, com o desenvolvimento científico acelerado, Einstein lhe

deu o atestado de óbito, ao declarar, com sua autoridade científica incontestável, que *o materialismo morrera asfixiado por falta de matéria*.

O materialismo atual subsiste na forma de uma múmia egípcia dos tempos faraônicos. Seus cultores filosóficos e científicos o mantêm à cavalo com as estacas e as amarras de Cis Campeador, que depois de morto foi enviado contra os adversários em forma de fantasma assustador. Essas escoras são atualmente a doutrina política e a doutrina econômica de Marx e Engels. Bertrand Roussel, inconformado com os rumos atuais do desenvolvimento científico, declarou em última instância: *As leis físicas continuam válidas*. Triste consolo, pois as leis físicas pertencem ao plano material que o Espiritismo jamais negou. Pelo contrário, como já vimos, Kardec sustentou sempre a teoria da relação constante e universal de espírito e matéria, como os dois elementos básicos de toda a realidade. O grande equívoco dos adversários da sobrevivência após a morte é justamente esse, de confundir a verdade espírita com as fabulações teológicas e os lamentáveis enganos das religiões dogmáticas na formulação de seus dogmas inteligíveis.

O Espiritismo não se apresenta no panorama científico na posição de negador e destruidor das ciências, mas de continuador natural e necessário do desenvolvimento de todas as ciências reais. O que ele postula é precisamente o aprofundamento das pesquisas científicas para a descoberta da face oculta da Terra, que não se esconde, como a da Lua, no outro hemisfério, mas no avesso sensível, em que mergulhamos com a morte no inteligível; a descoberta da antimatéria, cujos antiátomos geram no Infinito novas formas de espaço. A luta contra a existência dessa realidade oculta é simplesmente grotesca. A derrota sofrida pela Sociedade dialética de Londres, quando convocou William Crookes para provar a inexistência dos fenômenos espíritas, que Crookes confirmou de maneira exaustiva, foi a Waterloo científica do materialismo. Estamos em pleno *Psychic Boom*, em plena explosão psíquica, como o registrou recentemente a Enciclopédia Britânica, em seu suplemento científico tradicional. Não pode mais restar aos cientistas sensatos e fiéis à metodolo-

gia científica nenhuma possibilidade de sustentar a luta contra o espírito. O real se impõe, não obedece.

Importância das manifestações mediúnicas

Baseando-se nas manifestações mediúnicas e em toda a gama dos fenômenos hoje chamados paranormais, o Espiritismo despertou simpatias e provocou aversões nos meios científicos e culturais da Europa, na segunda metade do século XIX. De um lado, ele agradava o povo, que se interessava naturalmente pelas manifestações de seus mortos queridos. Por outro lado, irritava os cientistas e homens de cultura, que repudiavam as superstições populares e não viam como os mortos poderiam se manifestar, se já estavam mortos. Brofério chegou a propor a criação de um Espiritismo sem Espíritos, pois reconhecia a realidade dos fenômenos mas recusava-se a aceitar a interpretação de Kardec. A época era de problemas cruciantes, com o desenvolvimento dramático das experiências magnéticas, logo mais chamadas de hipnóticas, e as invenções de processos terapêuticos para a cura de doenças mentais e psíquicas.

Luiz Vives conta que Charcot, numa de suas aulas, apresentou uma mulher inculta que recebeu em grego uma comunicação psicográfica de Arago sobre os problemas da fisiologia humana. O fato era chocante, mas Charcot advertiu os discípulos de que não deviam tentar nenhuma explicação a respeito. Prudentemente deviam pensar no que viram e esperar explicações futuras. As Ciências temiam a morte e os espíritos, estavam carregadas de misticismo religioso, sob ameaças clericais, e problemas dessa espécie se tornavam perigosamente melindrosos. O que Kardec fazia era uma temeridade que poderia levá-lo à loucura.

Esse mesmo ambiente carregado de ameaças excitava ainda mais a curiosidade popular, podendo desencadear represálias de parte dos poderes eclesiásticos, ainda muito vigilantes. A serenidade com que Kardec enfrentou esse ambiente pode ser apreciada na *Revista Espírita*, obra indispensável ao estudo da doutrina e que já temos em nossa língua, em seus doze volumes redigidos pelo mestre, na tradução do saudoso Julio Abreu Filho.

O terror da morte e dos mortos, provindo das mais remotas civilizações, e a introjeção desse terror, num processo de quase dois milênios, no espírito europeu, perdura até hoje em nossa cultura e responde pela maior parte das aversões ao Espiritismo. As introjeções psicanalíticas produzem reflexos condicionados no inconsciente, em forma de complexos, mais duradouros e profundos que os de Pavlov em suas experiências no plano cortical. A morte, por si mesma traumatizante, acrescida das cerimônias fúnebres de grande poder emocional e com raízes longevas nas tradições das raças, conta ainda com a influência arquetípica no inconsciente coletivo. Basta um ruído semelhante a gemido, um sopro frio na noite ou o ranger de uma trave para desencadear nos espíritos sensíveis introspectivas de fantasmas apavorantes. Se o Espiritismo se interessasse por esses efeitos, como querem os seus adversários interesseiros, poderia aproveitar esse pavor em benefício de sua propagação. Mas Kardec agiu em sentido contrário, verificando e classificando os fatos reais, distinguindo-os das impressões ocasionais e explicando-os à luz da razão e das conquistas científicas. Recusou-se até mesmo a tratar dos fenômenos de materialização de espíritos na Sociedade Parisiense, deixando esse campo a cargo dos cientistas mais famosos da época. A colaboração desses cientistas foi muito além do que ele podia esperar. Com exceção do casal Curie, que depois de algumas experiências interrompeu suas tentativas, alegando, com razão, a necessidade de se entregar exclusivamente ao problema do rádio, todos os demais foram ao extremo. A Ciência Espírita formou a sua galeria de honra com nomes exponenciais do século provando a realidade da sobrevivência do ser. Um desses momentos foi quando Richet, até então renitente, procurando sempre uma via de escape, enviou sua carta famosa a Ernesto Bozzano – como o fizera Lombroso rendido ante essa realidade inegável – e outra carta a Cairbar Schutel, proclamando em latim: *Mors janua vite*, ou seja: *A morte é a porta da vida*.

A estratégia de Kardec era perfeita e dera os resultados por ele previstos. Limitando-se às pesquisas psicológicas e deixando aos físicos, químicos, fisiologistas e especialistas em mecânica (como William Crawford, que descobriu e provou a mecânica do

ectoplasma) os fenômenos de materialização, ele fechara a questão científica do Espiritismo de maneira decisiva. Em nossos dias as pesquisas tecnológicas da Física atual e da Parapsicologia reverenciaram a conquista da face oculta da Terra, antes mesmo da façanha astronáutica da descoberta da face oculta da Lua.

A importância das comunicações mediúnicas não está apenas no seu caráter probante, como acentuou Bozzano, mas também e sobretudo na sua expressão de solidariedade humana através da morte. A seção da *Revista Espírita* intitulada *Palestras Familiares de Além-Túmulo* oferece provas inegáveis da identidade espiritual dos comunicantes, mostrando a naturalidade com que os chamados mortos se manifestavam afirmando a sua sobrevivência plena no mundo espiritual. Levado pelo entusiasmo natural da juventude, um jovem pesquisador parisiense encantou-se com os fenômenos de ordem física e propôs o reconhecimento do que chamava de médiuns inertes. Léon Denis refutou essa tese absurda, lembrando ao jovem Paul Nord que Kardec já havia demonstrado que os efeitos físicos da mediunidade eram produzidos por espíritos manifestantes que movimentavam as mesas e os objetos com seus fluxos de energia que davam aos objetos uma vida factícia e passageira.

Se Kardec se prendesse à fascinação dos fenômenos de efeitos físicos, o Espiritismo não levaria a dança das mesas além das conseqüências materiais que Galvani tirou da dança das rãs. O fundamental da doutrina é a mensagem dos mortos, que através dela provam a continuidade do ser em outras dimensões da matéria e desvendam o segredo doloroso dos túmulos, das lápides frias que esmagaram para sempre vidas preciosas e sonhos de beleza eterna.

Além disso, a mensagem dos mortos restabelece a unidade humana rompida pela divisão dos homens em dois planos antagônicos, o dos que vivem uma vida efêmera esperando a morte e o dos que morreram e se transformaram em cinzas para sempre. A vida humana seria apenas um lampejo ocasional de fogo fátuo sobre a terra, tragado pelos terrores de uma noite eterna. As teologias do absurdo, pseudo-ciências de Deus – como se Deus pudesse ser objeto de pesquisas ou especulações de laboratoristas

de sacristia – continuaram impunes na elaboração dos mitos terroristas do Inferno, do Diabo e das condenações eternas.

Por outro lado, sem os estudos e pesquisas de Kardec sobre as comunicações mediúnicas, as terríveis ocorrências de obsessões vingativas, de perturbações psíquicas incuráveis pelos recursos da psicoterapia insciente, continuariam insolúveis, pois sem a técnica da doutrinação espírita, amorosa e eficaz, só restariam as práticas arcaicas dos exorcismos antiquados e perigosos, pois desprovidos do conhecimento indispensável das relações dos homens com os espíritos.

Tão profundamente foram introjetados nas gerações de dois milênios de cristianismo sincrético os terrores da morte, que a catarse curadora só está sendo possível atualmente através das pseudo-técnicas de libertinagem de várias correntes psiquiátricas e pelo pseudo-socorro da toxicomania. No próprio meio espírita surgem os resíduos da aversão milenar aos mortos e aos fantasmas, levando criaturas ingênuas e inscientes a fazerem campanhas contra as práticas mediúnicas, no insensato desejo de transformar as instituições doutrinárias em simples escolas teóricas, desprovidas da didática objetiva das práticas mediúnicas. É a volta obsessiva das pretensões acadêmicas de um Espiritismo sem Espíritos. As forças da contra evolução do homem, e portanto da Cultura e da Civilização, rondam sem cessar as mentes frágeis, inquietas e desprevenidas do meio doutrinário, sugerindo-lhes medidas retrógradas, disfarçadas em forma de atualização doutrinária.

Essas tentativas se tornam perigosas numa fase de transição. Sem as relações constantes com o mundo espiritual, através das sessões mediúnicas, estaremos desprovidos da orientação segura dos Espíritos benevolentes e do Espírito da Verdade, que trouxe ao nosso mundo a Doutrina Espírita, a grande doutrina cósmica de que recebemos até agora apenas a dosagem adequada ao nosso estágio atual de evolução. Quando se extinguiu, no Cristianismo primitivo, o chamado culto pneumático, constituído pelas reuniões mediúnicas da era apostólica, as influências romanas tomaram o lugar das intuições espirituais e a Igreja de Cristo, não fundada pelo Senhor, mas pelos seus discípulos, isolou-se

orgulhosamente em seu reino terreno e identificou-se com as religiões mitológicas, idólatras e formalistas. Apagou-se a luz dos santuários ingênuos ante o esplendor fictício do Império arrogante dos Césares. A expressão *culto pneumático* provinha da palavra grega *pneuma*, que é sopro, e como sopro, espírito.

O *culto pneumático* era constantemente perturbado pelas manifestações de espíritos perturbadores, contrários ao Cristo e apegados às religiões mitológicas das antigas civilizações. Esses espíritos acusavam Jesus de farsante, combatiam os seus ensinamentos e ensinavam doutrinas inferiores. Enquanto os cristãos suportaram essas entidades, procurando salvá-las da ignorância por meio da doutrinação amorosa, os Espíritos Superiores apoiavam e estimulavam essas reuniões. Mas, com a supressão desse trabalho de amor pelos espíritos infelizes, formados em moldes romanos, os cristãos ficaram entregues a si mesmos e trocaram o Reino de Deus pelo Império simoníaco do Vaticano. Em lugar dos Espíritos benevolentes, a Igreja passou a receber os enviados de César para orientá-la dentro das rígidas sistemáticas do Império. O preço da assistência espiritual é o amor e a dedicação aos milhões de espíritos necessitados que sobrevivem na erraticidade.

Se quisermos suprimir as sessões mediúnicas, particularmente as de doutrinação, em nossas instituições espíritas, poderemos fazê-lo, pois o nosso livre-arbítrio será respeitado, mas convém, antes disso, consultarmos a doutrina e lembrarmos os fatos históricos do Cristianismo, vendo que preço teremos de pagar por essa pretensa atualização. Cada posição ou atitude que tomamos tem o seu preço na economia divina e esse preço não é pago em moedas de César, mas em moedas de amor e justiça.

Muitos espíritas atuais reclamam trabalhos elevados no campo doutrinário, em que manifestações de entidades sofredoras sejam substituídas pelas manifestações de Espíritos Superiores, dotados de sabedoria e grandeza. É justa essa aspiração, desde que paguemos o seu preço com a atenção e o amor devidos aos milhões de entidades sofredoras e angustiadas que esperam o nosso amparo amigo e as moedas de ouro puro e sacrificial do nosso amor. Sem isso, só teremos nas sessões especiais a presen-

ça de entidades mistificadoras que nos conduzirão a atitudes vaidosas e ridículas.

Temos tudo em nossas mãos e podemos escolher livremente o melhor ou pior. Porque somos aprendizes para nos tornarmos livres das provações e expiações do nosso planeta. Deus não nos força, porque só aprendemos fazendo. Temos a doutrina em nossas mãos para esse aprendizado e a liberdade de estudá-la ou não. É bom não esquecermos que a nossa liberdade espiritual só tem como guarda o freio da nossa própria consciência.

Jesus não impediu que Judas o traísse e que Pedro o negasse, nem que Tomé duvidasse da sua ressurreição. Os processos espirituais de educação se fundem no exercício da liberdade de cada um, porque somente através de um sistema de livre escolha, entre experiências negativas e positivas, podemos aprender a seguir voluntariamente os rumos certos da nossa destinação.

FIM